

TEMPO DE AULA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Carlo Henrique Golin^{1*} Rogério Zaim de Melo¹

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal (UFMS/CPAN)

Resumo: Este artigo apresenta uma análise aprofundada sobre a gestão do tempo de aula na Educação Física escolar do ensino médio, investigando a prática pedagógica em escolas das cidades fronteiriças de Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul. Com o objetivo de analisar o tempo de aula ministrado, a pesquisa se baseou na observação sistemática, categorizando o tempo em “tempo em atividade” (TA) e “tempo em não atividade” (TNA). A metodologia, inspirada em estudos anteriores sobre o tema, envolveu a observação de um total de 1.020 minutos de aulas. Os resultados quantitativos revelaram que apenas 57,94% do tempo total de aula foi destinado a atividades práticas, enquanto 42,06% foi classificado como TNA. Mais do que uma simples ausência de movimento, o TNA foi identificado como tempo gasto em ações não pedagógicas, como longos intervalos, transições desorganizadas e conversas alheias à disciplina. A discussão aponta que essa lacuna no tempo de atividade efetiva limita as oportunidades de vivências corporais dos alunos, um fator crucial para a promoção de um estilo de vida ativo e a prevenção de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), por exemplo. A improficuidade no uso do tempo, evidenciada pela alta porcentagem de TNA, demonstra a necessidade de se oportunizar diferentes vivências nas aulas, pois essa ineficiência no uso do tempo pode ter um impacto negativo não apenas na dimensão biológica, mas também em outras dimensões humanas que devem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física escolar. Em conclusão, os dados evidenciam a necessidade de os docentes otimizarem o tempo de aula, assumindo um papel mais proativo na condução da disciplina. Este estudo sugere que futuras pesquisas aprofundem a análise do TNA para entender suas causas e propor intervenções pedagógicas mais eficazes.

Palavras-chave: Escola; Corpo Ativo; Docente.

* Carlo Henrique Golin. E-mail: carlo.golin@ufms.br; UFMS/CPAN; Av. Rio Branco, 1270 – Bairro Universitário, CEP: 79304-902, Corumbá, MS, Brasil.

CLASS TIME IN HIGH SCHOOL PHYSICAL EDUCATION ON THE BRAZIL-BOLIVIA BORDER

Abstract: This article presents an in-depth analysis of class time management in high school Physical Education, investigating the pedagogical practice in schools in the border cities of Corumbá and Ladário, in Mato Grosso do Sul. The research, which aimed to analyze the class time taught, was based on systematic observation, categorizing time into "active time" (AT) and "non-active time" (NAT). The methodology, inspired by previous studies on the subject, involved observing a total of 1,020 minutes of classes. The quantitative results revealed that only 57.94% of total class time was dedicated to practical activities, while 42.06% was classified as NAT. More than a simple absence of movement, NAT was identified as time spent on non-pedagogical actions, such as long breaks, disorganized transitions, and conversations unrelated to the subject. The discussion points out that this gap in effective activity time limits students' opportunities for physical experiences, a crucial factor for promoting an active lifestyle and preventing Non-Communicable Chronic Diseases (NCCD), for example. The lack of proficiency in the use of time, evidenced by the high percentage of NAT, demonstrates the need to provide different experiences in classes, as this inefficiency can have a negative impact not only on the biological dimension but also on other human dimensions that should be addressed in school Physical Education classes. In conclusion, the data highlights the need for teachers to optimize class time, taking a more proactive role in leading the subject. This study suggests that future research should delve deeper into the analysis of NAT to understand its causes and propose more effective pedagogical interventions.

Key words: School; Active Body; Teacher.

Introdução

A estruturação da presente pesquisa surgiu a partir de indagações e experiências dos pesquisadores, e também da necessidade de subsidiar informações aos cursos superiores em Educação Física (Licenciatura) do local estudado, especialmente sobre a execução do componente curricular Educação Física no ensino médio. O levantamento dos dados empíricos ocorreu em uma região conhecida como pantaneira e fronteira (Brasil-Bolívia), a qual compreende as cidades brasileiras de Corumbá e Ladário, porção territorial localizada ao extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul (MS), no lado brasileiro.

Nesse lugar existem diferentes culturas que convivem cotidianamente, particularmente devido aos expressivos fluxos migratórios, gerando complementaridades, aproximações e “fricções identitárias” entre as pessoas que usam o local como passagem ou moradia. Estas particularidades locais influenciam a dinâmica do espaço, criando nas escolas da região, por exemplo, um ambiente riquíssimo para análises de temas como: diversidade cultural, identidade, esporte, entre outros. No entanto, destacamos que a proposta não analisou os aspectos socioculturais da região, sendo que a pesquisa de campo focou somente no “tempo de aula” ministrado pelo docente, observando duas categorias de análise que chamamos aqui de “tempo em atividade” (TA) e o “tempo em não atividade” (TNA), ambas categorias considerando o “tempo” observado durante as aulas Educação Física nesta etapa escolar. Essa abordagem, embora focada na dimensão “biofisiológica”, não ignora as outras esferas de conhecimento da Educação Física. Contudo, adotamos esse critério de discussão para analisar o corpo “ativo” e a possível mudança de comportamento futuro do aluno, especialmente no que se refere a uma vida mais saudável.

Este enfoque visa responder à necessidade de a Educação Física afirmar sua relevância curricular no Ensino Médio, etapa em que a disciplina frequentemente enfrenta dispensa legal e desvalorização^{1, 2}. A promoção de um estilo de vida ativo, crucial para a prevenção de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT)³, constitui um dos eixos que pode ancorar a legitimidade da área^{4, 5}. Por isso, ressaltamos que optamos em debater o tema investigado (tempo) numa abordagem biofisiológica, observando questões como corpo “ativo” e a mudança de comportamento futuro do aluno, especialmente aquelas que apontam para uma vida mais saudável. Logo, foi uma opção que adotamos como critério de discussão, mesmo sabendo que existem diversas dimensões do ser humano que envolvem a promoção da saúde.

Compreendemos que a Educação Física escolar não se resume a uma mera execução motora. Por isso, a análise do tempo de aula não se revela desalinhada com a sua função

contemporânea. Nosso estudo reconhece que, em uma disciplina inserida na área de Linguagens, o tempo de “não atividade motora” pode ser usada de forma produtiva em discussões, análises e leituras críticas da realidade, por exemplo. No entanto, a nossa pesquisa delimitou o TNA como tempo gasto em ações não pedagógicas, como intervalos, transições demoradas e desorganização, o que nos permitiu concentrar a análise em um aspecto específico da prática docente.

Portanto, o objetivo do trabalho foi demonstrar aspectos qualitativos sobre a prática pedagógica da Educação Física no ensino médio quando observamos os dados quantitativos sobre o “tempo de aula” que foi programado e o que efetivamente foi ministrado pelo docente. Embora o tempo observado não seja o único indicador da qualidade da aula, ele é um fator crucial que pode limitar ou ampliar as oportunidades de vivências para os alunos. Nosso estudo busca, assim, mostrar a necessidade de otimizar o tempo de aula como uma proposta pedagógica contemporânea.

Desta forma, no sentido de ajudar nas análises dos dados encontrados, foram elencados trabalhos que abordassem as categorias supracitadas quanto à prática da disciplina Educação Física no contexto escolar, além de algumas informações sobre as potencialidades e dificuldades da área no ensino médio. Pois, entendemos que ao apresentamos os elementos conceituais já produzidos sobre a área da Educação Física para o ensino médio, podemos subsidiar uma melhor discussão das informações encontradas na pesquisa de campo, de modo especial relativo ao tempo de aula administrado pelos professores. Neste contexto, frisamos que não realizamos discussões específicas sobre a Base Nacional Comum Curricular e o novo ensino médio, até porque os dados foram coletados em turmas que não vivenciaram essa atual estruturação pedagógica. Entendemos que as referências utilizadas no trabalho ajudaram no debate sobre a dinâmica da área de Educação Física no ensino médio e o tempo de aula, tema central do trabalho

A educação física no ensino médio: alguns dilemas

No Brasil, a partir de 1996, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Educação Física passou concretamente a compor o rol de disciplinas da educação básica, sendo obrigatória a partir de 2001, o que fez dela um dos componentes curriculares para formação do indivíduo. Esse aspecto legal colocou a área de Educação Física na educação básica no mesmo “grau” de relevância das demais disciplinas do currículo escolar.

Entretanto, como alerta Souza Junior e Darido⁶, devido à Lei nº 10.793, de 1º de

dezembro de 2003, a redação retomou um ponto utilitarista para a área, quando estabeleceu os principais critérios de dispensa na aula de Educação Física, sendo possível ao aluno facultar a prática da disciplina quando se enquadrar em alguma das condições previstas na lei⁷. No ensino médio o elemento legal impactou diretamente a área, notadamente devido a idade dos jovens-alunos, o possível início no mercado de trabalho e a preocupação com a formação superior.

Desta forma, além do importante quesito normativo, o aspecto da legitimidade e significância da Educação Física no ensino médio nos parece que vem caminhando a passos lentos. Inclusive, sobre este último tópico, há tempos que alguns trabalhos⁵⁻¹² apontam para diversos caminhos salutareis e, de certa forma, apontam para desafios significativos sobre a condução da disciplina Educação Física nesse grau de escolarização. Ressaltamos que, nos últimos anos, houve um aumento na quantidade de trabalhos sobre a Educação Física no ensino médio, mas, ao comparar com outras fases escolares, esse número é muito inferior. Destarte, a maioria dos estudos no ensino médio procura demonstrar a necessidade da área se afirmar, ainda, buscando a sua legitimação enquanto componente curricular obrigatório¹².

Por sua vez, os materiais indicam que a disciplina nessa fase escolar poderia promover a autonomia e a adesão de atividades corporais regulares na vida do adolescente, por exemplo, por meio do fenômeno esportivo, sobretudo no sentido de se tornar uma ponte salutar para a vida adulta. A Educação Física no ensino médio, nessa perspectiva, passaria a ser um momento de conhecimento, de oportunidade, aprofundamento, de fomento, de inclusão, de diversificação, deixando a sua histórica ação de apenas selecionar os mais habilidosos fisicamente para vivenciar os seus conteúdos de forma ampla e qualitativa.

Desta forma, haveria a possibilidade da utilização do esporte num outro prisma, de modo especial para a formação de uma consciência ética e estética, contribuindo para o entendimento e a busca da vivência cidadã¹³. Nesta perspectiva, o trabalho produzido por Moreira, Simões e Martins¹⁴ busca dar uma concepção ampla e um novo significado ao conteúdo esporte desenvolvido nas aulas de Educação Física do ensino médio, indicando aos docentes que trabalhem com temas geradores como forma de os alunos aderirem às aulas. Vale ressaltar que o projeto desenvolvido e apresentados pelos autores levou em consideração o interesse dos alunos do ensino médio, sendo que os temas abordados tinham relação com os conteúdos históricos da Educação Física. Dentre eles, destacam um repertório de atividades como voleibol, basquetebol, futebol de campo, handebol, skate, atletismo, lutas, dança de salão, musculação e alongamento, estes dois últimos reunidos como parte de condicionamento físico.

Nista-Piccolo e Moreira¹⁵ seguem a mesma linha, sugerindo que os conceitos e

significados do esporte na escola sejam colocados como um direito social do jovem, a partir do qual os professores subsidiariam os alunos de conhecimentos para a vida, procurando sempre vincular o contexto e a realidade de cada escola-comunidade. Enquanto a pesquisa de Brandolin, Koslinski e Soares¹⁶ relatam sobre a percepção dos alunos ao analisarem as aulas de Educação Física no ensino médio, sendo que dentre os fatores encontrados, a participação na escolha do conteúdo e organização da aula são elementos capazes de influenciar na satisfação dos educandos.

Já o trabalho de Pereira et al.¹ atesta que, apesar dos alunos se divertirem nas aulas e a disciplina apresentar conteúdos como saúde e qualidade de vida, por exemplos, a maioria não entende a Educação Física no ensino médio como algo importante na sua formação curricular básica. Os autores esclarecem que a pesquisa demonstrou, na ocasião, que a Educação Física aparenta ser irrelevante para o grupo pesquisado, oriundo do descaso docente e maior clareza pedagógica. Portanto, para Correia², a solução estaria na proposição didático-metodológicas das aulas, mediante o conceito de planejamento participativo e a ideia de currículo semiestruturado.

Numa outra perspectiva de análise, verificamos que existe na Educação Física do ensino médio uma diminuição no número de aulas por semana em comparação com o ensino fundamental, além do foco nos resultados dos vestibulares e ainda certo desinteresse pelas aulas por parte dos alunos^{1, 3, 5, 10, 17}. Neste sentido, inclusive, Castilho¹⁸ já apontava um “declínio” e/ou “desinteresse” pela disciplina Educação Física ao final do ensino fundamental, alertando sobre a motivação de alunos ao adentrarem o ensino médio. Aspecto também mencionado por Savarezzi, Novaes e Gimenez¹⁹, quando comentam que a participação e o empenho dos alunos diminuem significativamente no ensino médio, acelerando os pedidos de dispensa das aulas. Portanto, os diferentes dados já indicam a necessidade de vivências efetivas para um processo de ensino-aprendizagem com qualidade.

Apesar das pesquisas supracitadas recomendarem que a Educação Física no ensino médio precisa ser diversificada e não excludente, inclusive outras apontam para a questão da valorização e promoção dos aspectos da saúde e/ou estilo de vida ativo aos jovens²⁰⁻²², o que percebemos é um descompasso entre o que se preconiza e o que se desenvolve na prática escolar. Entretanto, o trabalho de Savarezzi, Novaes e Gimenez¹⁹ dizem que os alunos do ensino médio, por diferentes influências, acabam tendo como representação social da área, de forma progressiva, a preocupação com a dimensão biológica, numa perspectiva da promoção da sua saúde.

Por outro lado, Neto et al.²³ defendem que a Educação Física no ensino médio esteja presente de forma significativa, realizando transformação na vida cotidiana dos sujeitos, trabalhando essencialmente o desenvolvimento integral dos alunos nas suas mais diferentes dimensões. Para os autores, além do aspecto biológico, a Educação Física no ensino médio precisa promover os outros elementos (dimensões) humanas, envolvendo a cultura, ética, estética e os valores sociais ligados aos conteúdos históricos da área.

Outros trabalhos, além de Neto et al.²³, como Golin e Moreira¹³, Silveira, Ramos e Vianna²⁴ e Golin, Ferreira e Lancillotti¹² denunciam que a área no ensino médio acabou por evidenciar a falta de um olhar cuidadoso dos gestores políticos sobre os jovens e a suas diferentes necessidades nessa fase escolar, o que inclui a precarização do trabalho. Contudo, também apotam a falta de certo compromisso do professor no ensino médio, particularmente no sentido de ajudar a promover um modo de vida mais autônomo e ativo, o que inclui a promoção de ações para aumentar a participação e adesão do aluno nas aulas. Os dados demonstram uma crise de resultados efetivos da área no ensino médio, oportunizando um momento significativo para repensarmos as suas ações, adentrando na formação inicial-continuada, inovação das práticas pedagógicas e articulação dos métodos com os anseios dos estudantes.

Desta forma, fica evidente que a Educação Física escolar para o jovem do ensino médio necessita de um salto qualitativo, procurando promover a adesão de atividades físicas saudáveis na sua vida cotidiana dele, com vista para a melhoria da sua vida futura. Um aspecto também importante da aula de Educação Física na escola de nível médio é a organização e planejamento, especialmente no que diz respeito ao número de aulas disponível. Neste caso, algo extremamente dependente de uma política pública ou privada local, sendo que a estruturação curricular da rede de ensino que vai demonstrar a opção e a valorização de cada área no currículo escolar. Entretanto, independentemente das escolhas políticas educativas, a efetiva utilização do “tempo” nas suas aulas é um fator que tem grande peso e controle do docente.

A respeito deste tópico, Gasparetto²⁵ destaca o quão significativa é a estruturação didático-pedagógica nas aulas de Educação Física, sendo que toda a organização e o sucesso na aula irão depender deste primeiro passo, possibilitando o efetivo processo de ensino-aprendizagem por parte dos educandos. Por sua vez, Chizzotti e Bocchi²⁶ caminham na mesma linha, apontando que a organização administrativa e pedagógica do tempo escolar, em termo qualitativos, oportuniza melhores condições de aprendizagem. Já as autoras Guimarães e Bernado²⁷ assinalam, numa perspectiva de construção social, que o tempo escolar demanda um

olhar complexo e que o mesmo interfere no desenrolar das rotinas escolares.

Noutro prisma, o trabalho de Simons-Morton et al.²⁸ há muito tempo já tinham observado que era baixo o perfil das atividades essencialmente práticas de Educação Física. Apesar do caso ser em um contexto das escolas norte-americanas, os autores consideraram que o tempo médio dedicado às ações práticas (ativas) era insuficiente. Os mesmos descrevem que a cada aula (35 minutos), 20% deste tempo os escolares permaneciam “inativos fisicamente” à espera de uma nova atividade ou envolvidos com a sua organização. Na mesma linha, entretanto, em um contexto brasileiro, Guedes e Guedes²⁹ apontam, inclusive, a necessidade de uma maior efetivação das aulas de Educação Física na escola, de modo especial para justificar a promoção da saúde aos escolares. Segundo os autores, os resultados demonstraram que os alunos, de uma cidade paranaense, ocuparam o tempo da aula de forma excessiva em ações de organização e transição das atividades ministradas, chegando a quase 50% da aula.

Outro resultado semelhante é o de Carniel e Toigo³⁰, cuja pesquisa foi realizada no ensino fundamental em cinco escolas particulares em Porto Alegre-RS, sendo que seus resultados apresentaram um total de 44,9% de tempo inativo (tempo gasto com espera) nas aulas de Educação Física, 8,6% com o tempo de instrução, 16,5% com a administração da aula, sobrando apenas 29,9% do tempo da aula para o que as autoras chamaram de “aprendizagem ativa”. Estes dados demonstram um problema significativo sobre a “qualidade” do tempo da aula, evidenciando certo “desperdício” do tempo de aula. Por isso, as autoras sugerem adotar melhores estratégias metodológicas para organizar adequadamente a aula. Mesmo compreendendo que o tempo não é a única variável para determinar a qualidade da aula, as autoras alertam que, em termos de ganho de aprendizagem motora e sobre viabilizar modificações fisiológicas aos alunos, este tipo de realidade representa uma inadequada utilização do tempo nas aulas de Educação Física.

Mais recente e com foco no ensino médio, Dario²¹ descreve e analisa que o tempo em que os alunos permanecem nas aulas em ações moderadas/vigorosas acaba sendo inadequado para promover alterações fisiológicas significativas na saúde dos alunos. Enquanto o trabalho de Macedo, Rosa e Golin³ demonstrou importantes preocupações acerca do elemento “tempo de aula” da disciplina Educação Física no ensino médio. Na ocasião, os autores apontam alguns gargalos sobre sua prática, inclusive no mesmo contexto social da nossa pesquisa. No geral, eles perceberam importantes lacunas para legitimar e garantir a permanência da Educação Física no ensino médio, sobretudo enquanto área de conhecimento que poderia “gerar saúde”. Os autores dizem que a realidade observada, que tem um baixo número de aulas, aliado ao

pouco tempo disponível que docentes oportunizam aos alunos para que participem das atividades nas aulas, não justificaria a Educação Física na escola como disciplina promotora de “saúde”, algo que se tornaria preocupante para a área. Seus dados chegam a apontar que 37% da aula de Educação Física no ensino médio é de “tempo livre” e/ou sem atividade pedagógica conduzida pelo docente responsável.

Em outro contexto social, o trabalho de Silva³¹ analisou a disciplina Educação Física em uma escola pública de Manaus, observando a possível aderência por parte dos discentes do ensino médio. O pesquisador constatou que a formação do professor influencia de forma expressiva na falta de interesse dos educandos. Na oportunidade, os estudantes pesquisados indicaram como um dos obstáculos da adesão na disciplina a ausência do professor na escola, uma vez que apontaram que os mesmos são faltosos. Já o material produzido por Santos³², ao entrevistar professores de Educação Física que lecionam no ensino médio em uma cidade mineira, identificou que, no geral, as finalidades da área seriam a promoção de saúde e a formação crítica. Contudo, acabou notando também que existe um destaque para a instrução do esporte pelo docente de forma simplista, bem como esses professores acabam apresentando um conhecimento superficial de documentos públicos norteadores, tais como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, a autora sugere a necessidade de amplos processos de participação dos professores na construção dos referidos documentos, tendo em vista que atuam em escolas e compreendem a realidade, sendo que este e outros procedimentos podem ajudar a orientar o planejamento dos professores e suas práticas pedagógicas.

Outro material contemporâneo, neste caso de Teixeira et al.³³, tendo como público-alvo uma região do nordeste brasileiro, compartilhou reflexões sobre as experiências com o ensino da disciplina Educação Física no ensino médio durante a pandemia da Covid 19. No referido trabalho, ficou demonstrado que não é possível uma Educação Física escolar de qualidade no formato remoto-virtual, devido à grande necessidade de os alunos vivenciarem ações práticas nas aulas. Enquanto a pesquisa de Beltrão, Teixeira e Taffarel³⁴, mapeou a presença/ausência da disciplina Educação Física nos currículos escolares de todos os estados e do Distrito Federal, sendo que constataram que, dentre as 27 documentos analisados, houve redução significativa da carga horária da área, refletindo na qualidade do tempo pedagógico do professor para atuar na escola.

Além dos aspectos práticos observados nas aulas, é importante reconhecer que a gestão do tempo na Educação Física também está condicionada por fatores estruturais e curriculares.

Por exemplos, as reformas e alterações na organização do Ensino Médio, bem como práticas institucionais que reduzem a carga horária e flexibilizam a presença da disciplina, sobretudo em escolas particulares, acabam por restringir o tempo disponível para atividades efetivas, pressionando docentes e contribuindo para um aumento do tempo não pedagógico (TNA). Tais fatores estruturais devem ser considerados ao interpretar a magnitude do TNA observada neste estudo e na proposição de intervenções^{34, 35}.

Por fim, em parte, os trabalhos apresentados corroboram para entendermos o tempo de aula vivido pelo aluno como algo importante e significativo. As informações até aqui apresentadas sugerem adequadas análises inerentes à Educação Física no ensino médio, em especial sobre a distribuição e a organização do tempo de aula do professor, seja para escolas públicas ou privadas. Por conseguinte, é adequado observar o tempo total da aula, visando compreender melhor o TA e o TNA, até para que possam ser compatíveis para um significativo e efetivo processo de ensino-aprendizagem da Educação Física no ensino médio.

Materiais e Métodos

A presente proposta é inspirada e adaptada dos trabalhos realizados por Guedes e Guedes²⁹ e Macedo, Rosa e Golin³, com o objetivo de observar a quantidade de tempo utilizado nas aulas de Educação Física para esse público (ensino médio) e seu possível impacto na promoção da saúde. Como já apresentamos, existem estudos que apontam baixa ocupação do tempo da aula de forma efetiva e com qualidade no sentido de gerar a participação, por consequência a possibilidade de promover mudanças fisiológicas positivas nos alunos.

Com isso, nosso trabalho visa trazer alguns dados sobre o “tempo de aula” utilizado nas atividades práticas da disciplina Educação Física no ensino médio da região do estudo, na tentativa de demonstrar informações efetivas sobre o tempo de aula que foi realizado e o tempo de não atividade. Apesar de alguns aspectos limitantes, como a falta dos frequencímetros, além do controle específicos e detalhamento de outras variáveis sobre o tempo, nossa proposta analisou apenas o “tempo de aula” ministrado pelo docente de Educação Física no ensino médio.

Isto posto, foram observados exclusivamente dois preceitos, a saber: o TA (tempo real em que ocorria a aula efetivamente) e o TNA (tempo em que não ocorria atividade programada). Sobre este último preceito, aglutinamos esse tempo mensurado em diferentes ações, tais como: intervalos e tempo livre, transição de atividades, deslocamentos entre os ambientes de aula, mudança e organização das atividades, busca e arranjo de materiais, entre outras ações que

consideramos não efetivas pedagogicamente. É importante destacar que esta delimitação metodológica nos permitiu uma análise mais precisa sobre a otimização do tempo pelo professor, sem negligenciar que outros momentos de "não atividade motora" podem ter valor pedagógico. Porém, no contexto da nossa pesquisa, os dados qualitativos coletados no diário de campo corroboraram que o TNA se referia a ações não pedagógicas, como conversas extensas, atividades recreativas não planejadas e falta de conduta sistemática do professor.

Para tal, enquanto método observacional, foram utilizados apenas um diário de campo para anotações e cronômetros para marcação dos tempos decorridos, sendo que o ponto de referência do "tempo" era o início e término correspondente a cada horário de aula (tempo total da aula programada). Logo, o tempo de aula analisado e coletado era aquele oficial (programado) e divulgado no quadro de horário da escola que foi pesquisada, com início e fim pré-determinados.

Ressaltamos que a investigação foi realizada no ano letivo de 2019, antes do período de restrições da pandemia (Covid-19), enquanto os dados foram agrupados e analisados até meados de 2024. Na época, o procedimento de coleta dos dados em cada escola foi atribuído e dividido por grupos de trabalhos, na qual obtivemos dezoito (18) turmas/aulas de 50 minutos da rede pública e duas (2) turmas/aulas da rede privada que tiveram o tempo de 60 minutos, totalizando vinte (20) aulas observadas. Cada grupo de pesquisadores foi responsável por escolher uma escola de forma aleatória para observar três aulas, sendo sugerido que pesquisasse uma aula de cada ano do ensino médio. Nesse sentido, foi orientado para que cada grupo fosse até a escola de posse da carta de apresentação, a qual foi entregue para a direção escolar com todas as orientações e procedimentos, solicitando a observação das aulas do professor de Educação Física pré-selecionado. Após o consentimento da direção da escola, os pesquisadores entravam em contato com o professor responsável pela disciplina de Educação Física para obter a sua autorização, bem como para conhecer melhor os seus horários de aulas e organizar um agendamento a fim de realizar a pesquisa observacional. Assim, foram selecionadas as aulas dos professores que somente ocorreriam de forma "prática", isto é, as que o docente previamente planejou em espaços escolares onde seriam possíveis ocorrer as atividades práticas (quadras esportivas, pátios, campos...).

Foi observado, ao desenvolver a pesquisa, que existiram alguns problemas para a realização da proposta, dentre eles, destacamos: a mudanças no agendamento, a falta do aceite e a colaboração por parte de alguns professores, dificuldade do grupo de pesquisadores em controlar e marcar o tempo das aulas, inconsistência e/ou conflito dos dados coletados, entre

outros. Acreditamos que, mesmo com as intercorrências citadas, após a filtragem dos dados e seleção, retirando os possíveis equívocos na coleta das informações, os resultados apontam um maior equilíbrio e adequada fidedignidade das informações.

Informamos que, ao contextualizar o local, a pesquisa foi aplicada na rede pública (Corumbá e Ladário) e rede privada (Corumbá), ambas cidades sul-mato-grossenses e que estão localizadas na fronteira entre o Brasil-Bolívia. Também foi objeto da coleta de dados somente as unidades do ensino médio, compreendendo um total de 8 escolas urbanas participantes, ambas escolhidas por conveniência pelo grupo de pesquisadores. Esse número representa 42,1% do total de escolas urbanas de ensino médio na região, em particular quando considerado os dados estatísticos da Secretaria de Educação do Governo Estadual de MS (Censo Escolar da Educação Básica – ano 2019). Na época, em Corumbá, na rede pública, existem dez (10) escolas estaduais e uma (1) escola federal e, na rede privada, existem seis (6) escolas, enquanto, em Ladário, na rede pública existem duas (2) escolas estaduais.

De tal modo, após aplicarmos os critérios de exclusão e inclusão, destacados anteriormente, foram observadas 20 turmas/aulas de Educação Física escolar (ensino médio), constituindo sete (7) turmas/aulas em cada série do 1º e 2º anos e mais seis (6) turmas/aulas entre os 3º anos, totalizando vinte (20) aulas observadas (Quadro 1), contabilizando integralmente 1.020 minutos (Quadro 2) de aulas observadas.

Quadro 1 – Local, Rede, Número de aulas, Séries e Número de Turmas Observadas

LOCAL	N. AULAS	SÉRIES	N. TURMAS
REDE PÚBLICA - CORUMBÁ	9	1º ano	7
REDE PÚBLICA - LADÁRIO	5	2º ano	7
REDE PRIVADA - CORUMBÁ	6	3º ano	6
TOTAL	20		20

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Quadro 2 – Local, Rede e Tempo Total de Aula em Minutos Observados

LOCAL	TEMPO EM MINUTOS
REDE PÚBLICA - CORUMBÁ	450
REDE PÚBLICA - LADÁRIO	250
REDE PRIVADA - CORUMBÁ	320
TOTAL	1020

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Utilizamos, como auxílio para a tabulação dos dados quantitativos das aulas observadas, o programa Microsoft Office Excel 2019, especialmente no sentido de aglutinar as informações de cada cidade, sobre a rede de ensino (pública/privada) e as repetições em números absolutos e seus percentuais. Assim, realizamos uma análise descritiva (estatística) quando considerado a frequência absoluta (n) e relativa (%).

Destacamos, também, que foram adotados todos os possíveis cuidados éticos, inclusive porque a pesquisa foi “observacional” e sem qualquer identificação de pessoas, conforme a Resolução CNS nº 510/16. O trabalho deriva e foi adaptado do projeto n. 055/11, com protocolo n. 2011 - CAAE 0096.0.049.000-11.

Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa trazem importantes elementos para percebermos uma parte “qualitativa” de ensino da área ao considerar a região do estudo. Contudo, ressaltamos que essa inferência é apenas sobre um aspecto, o quantitativo de “tempo” disponível que o docente utiliza para conduzir as suas ações pedagógicas na disciplina de Educação Física no ensino médio. Mesmo assim, como já foi conceituado, acreditamos que o tempo de aula efetiva e não efetiva pode, por exemplo, ampliar ou limitar as oportunidades sobre as diferentes atividades para os alunos quando considerado um ano letivo. Algo que pode impactar, significativamente, na quantidade de ações e nos possíveis estímulos da disciplina nessa fase escolar, influenciando na sua qualidade.

Sobre a baixa disponibilidade de tempo de aula, podemos dizer, com base na literatura e nos achados da pesquisa, que esse aspecto pode gerar prejuízos aos discentes, afetando diretamente não só na sua dimensão biológica, mas também nas outras dimensões humanas, o que pode influenciar no seu comportamento futuro. Por isso, em termos quantitativos, a nossa pesquisa aponta que mais de 40% da aula é ocupada com atividades excessivamente não pedagógicas (TNA), entre elas foram identificados: intervalos e tempo livre exagerados, transição de atividades demoradas, deslocamentos entre os ambientes de aula de forma desorganizada, mudança repentinas da estrutura da aula e organização das atividades, busca de materiais etc.

Em termos práticos, o elevado TNA identificado pode não ser decorrente apenas de lapsos individuais, podendo refletir, em parte, a conjugação entre limitações institucionais (ações burocráticas e conteúdos externos à área) e práticas docentes que não exploram rotinas rápidas de transição e planos de aula com estruturas previsíveis. Para mitigar esse quadro,

medidas simples e robustas podem ser adotadas: (a) adoção de rotinas e procedimentos fixos para entradas/saídas e trocas de material; (b) planejamento participativo que envolva alunos na organização das atividades, aumentando engajamento e diminuindo dispersões. Essas estratégias, respaldadas por modelos instrucionais conhecidos em Educação Física, são exequíveis e recomendáveis para intervenções locais³⁷.

Também podemos inferir que a baixa disponibilidade de aulas oriunda do currículo escolar e do tempo disponível para atividades da disciplina Educação Física no ensino médio é recorrente nos últimos anos³⁴. Além disso, a legislação brasileira possibilita a dispensa de estudantes durante a aula, formando subsídios que podem influenciar na qualidade de participação dos alunos na aula. Estes problemas elencados têm potencial para incutir, por exemplo, no imaginário social dos jovens-alunos a necessidade ou não da disciplina no contexto escolar enquanto etapa final de formação básica, por consequência desembocando na (des)valorização da Educação Física no ensino médio. No que concerne esse contexto, o trabalho de Savarezzi, Novaes e Gimenez¹⁹ apontam que a propagação de posturas equivocadas, nos diferentes espaços educativos, pode influenciar o ambiente escolar, marcando uma representação social. É o que autores como Neto et al.²³ dizem a respeito da crise que a área vive e as suas próprias consequências no campo da legitimidade do currículo escolar. Elementos que também já foram comentados e alertados por Pereira et al.¹, Golin¹⁰ e Frey³⁸, de maneira especial quando verificam divergências nos discursos entre os professores e seus alunos. Os aludidos autores notaram que, mesmo quando os discentes do ensino médio relatam que gostam das aulas de Educação Física, ainda revelam não a considerar importante na sua vida futura, notadamente devido à falta de significado e/ou contextualização dos conteúdos desenvolvidos pelos docentes, demonstrando aspectos pedagógicos desconexos e/ou descompromissados com a formação dos alunos.

Já no tocante ao dispositivo legal que influencia, por exemplo, as dispensas nas aulas de Educação Física, Souza Junior e Darido⁶ indicam a relevância de adotar algum possível mecanismo de avaliação para aplicar aos discentes dispensados das aulas de Educação Física, os quais utilizam o aspecto facultativo que a lei vigente oferece no Brasil. Ressaltamos que na legislação é a única disciplina do currículo escolar que estabelece este meio de dispensa, devido a Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003⁷. Por consequência, no estudo dos autores, uma escola particular chegou ao impressionante número de 48,8% de alunos dispensados da aula de Educação Física no ensino médio. A sugestão dos autores foi a adoção de um “programa” que ajudou a diminuir consideravelmente (2,7%) esta prática entre os alunos, indicando que

construindo alternativas, apesar da legislação, é possível diminuir as dispensas nas aulas e valorizar a Educação Física enquanto componente curricular no ensino médio.

É necessário ponderar que os dados encontrados em nossa pesquisa, sobre o tempo de aula, acabam por demonstrar uma realidade referente à disciplina Educação Física nas escolas de ensino médio da rede pública ou privada da região em estudo, indicando possíveis dificuldades para a máxima efetividade na quantidade de tempo das aulas ministradas, o que pode impactar na diminuição de oportunidades para que os alunos participem em diferentes atividades da disciplina. Advertimos que, apesar do foco principal da pesquisa ser o quantitativo do tempo, expresso em números e seus percentuais, o que por si só já demonstra informações preocupantes sobre o desenvolvimento efetivo da aula de Educação Física no ensino médio da região, alguns elementos secundários foram anotados no diário de campo dos pesquisadores. Tais elementos podem ser categorizados de forma resumida em: conversas extensas e aleatórias sem relação com a disciplina; atividades meramente recreativas e não planejadas; algumas atividades foram divididas pra atender separadamente meninos e meninas, sendo que, para os meninos, as ações foram mais locomotoras e, para as meninas, as ações não locomotoras; determinadas atividades são de livre escolha por parte do discente, demonstrando que o docente não apresenta uma conduta pedagógica sistemática, o que inclui grupos de alunos que não fazem nenhuma atividade, ficando “livre” na aula. Estes dados qualitativos corroboram os achados quantitativos sobre o TNA, demonstrando que o tempo não utilizado para ações pedagógicas reflete em lacunas no exercício docente durante a aplicabilidade da disciplina de Educação Física no ensino médio da região estudada.

Verificamos também que, ao analisar o Quadro 3, não existem diferenças significativas entre os universos público e privado, bem como não observamos grandes discrepâncias ao comparar as cidades de Corumbá e Ladário. Isto demonstra que, independentemente do setor (público ou privado) e das cidades na região, as informações tenderam a ter a mesma dinâmica de tempo disponível para as atividades pedagógicas efetivas nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio. O mesmo pode ser observado no Quadro 4, sobretudo quando se soma e foca nos dados gerais divididos por ano do ensino médio, com um declínio mais acentuado no último ano (3º ano), questão que já foi pontuada por algumas pesquisas^{1, 6, 10, 17, 31}. Os referidos trabalhos debatem, particularmente, os motivos que levam os alunos do ensino médio a se desinteressarem ou aderirem às aulas de Educação Física, bem como tratam sobre os processos seletivos para a formação superior e o possível impacto no desenvolvimento das aulas.

Quadro 3 – Dados Gerais considerando o Local, Rede e Tempo em Minutos (N./%)

GERAL POR REDE/LOCAL	Tempo em Atividade (TA) - min	Tempo em Não Atividade (TNA) - min
REDE PÚBLICA - CORUMBÁ		
1º ano	83	67
2º ano	75	75
3º ano	98	52
Total / %	256 (56,88%)	194 (43,12%)
REDE PÚBLICA - LADÁRIO		
1º ano	67	33
2º ano	48	52
3º ano	33	17
Total / %	148 (59,20%)	102 (40,80%)
REDE PRIVADA - CORUMBÁ		
1º ano	51	49
2º ano	66	44
3º ano	70	40
Total / %	187 (58,34%)	133 (41,57%)
TOTAL / %	591 (57,94%)	429 (42,06%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Quadro 4 – Dados Gerais por Ano e Tempo em Minutos (N./%)

GERAL POR ANO	Tempo em Atividade (TA) - min	Tempo em Não Atividade (TNA) - min
1º ano	201 (57,42%)	149 (42,58%)
2º ano	189 (52,50%)	171 (47,50%)
3º ano	201 (64,84%)	109 (35,16%)
TOTAL / %	591 (57,94%)	429 (42,06%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Estes resultados apontam semelhanças com os dados divulgados por Simons-Morton et al²⁸, Guedes e Guedes²⁹, Carniel e Toigo³⁰, os quais demonstram que o tempo de aula dedicado para situações práticas fica limitado e, muitas vezes, menos efetivas ao considerar o nível de intensidade dos esforços físicos, situações que podem influenciar a qualidade da aula, principalmente se a justificativa for apenas a questão da promoção de “saúde” para os jovens-alunos do ensino médio. Até porque, as informações dos trabalhos citados apontam que as aulas de Educação Física acabam tendo excesso de tempo com “inatividade”, logo os docentes precisam assumir “atitudes positivas”, no sentido pedagógico, até para conseguirem desenvolver ações que efetivamente promovam e adentrem no tema saúde e/ou qualidade de

vida no contexto escolar.

Nahas²⁰, por sua vez, aponta que uma das funções propícias da disciplina Educação Física no ensino médio é o de ser uma promotora de transformação para um estilo de vida ativo, aspecto que pode refletir positivamente fora do ambiente escolar. Segundo o autor, esta perspectiva não pode ser segregadora, seletiva, excludente, mas promotora e diversa, procurando subsidiar elementos e ações práticas aos que mais necessitam, sejam eles sedentários, com baixa capacidade física, sobrepesados ou obesos, pessoas com qualquer tipo de limitação/deficiências. Nesse sentido, por exemplo, o combate as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) é hoje muito relevante, sendo que uma das principais causas de mortalidade mundial está relacionada aos fatores de risco comportamentais, como o sedentarismo/inatividade física³⁹. Por isso, alguns dados apontam que pessoas insuficientemente ativas têm 20 a 30% maior risco de mortes do que as pessoas suficientemente ativas, sendo a prática regular de atividade física um dos fatores de proteção da DCNT^{39, 40}. Ressaltamos que, apesar do enfoque mais “biofisiológico”, no sentido da mudança de comportamento, as outras diversas dimensões humanas também acabam sendo prejudicadas e influenciando a promoção da saúde de forma mais ampla na escola. À vista disso, a aula de Educação Física no ensino médio poderia ser um local de oportunidade ao “estilo de vida saudável”, no sentido da observação dos multifatores e dimensões, na qual os seus conteúdos e procedimentos didáticos-pedagógicos ensejem a promoção da saúde dos jovens-alunos, por exemplo²².

Em razão dessa premissa, quando comparamos os nossos dados encontrados com o trabalho de Macedo, Rosa e Golin³, fica evidenciado que o de “tempo de aula” no desenvolver da disciplina Educação Física no ensino médio não pode cair em descrédito e na falta de legitimidade, sendo necessário o bom uso deste importante momento pedagógico. Razão pela qual devemos nos preocupar para que este tipo de lacuna não seja algo cotidiano nas aulas de Educação Física no ensino médio da região.

Os dados e os estudos trazidos até aqui acabam por demonstrar a importância e a responsabilidade do professor na condução da sua aula, sobretudo no sentido de mudar o que parece ser um dilema (paradigma) da área quando olhamos para o quesito tempo efetivo de atividade nas aulas de Educação Física no ensino médio. Destarte, mesmo reconhecendo que o tempo não é a única variável importante e que da mesma forma a dimensão biológica não é a única-soberana para influenciar no processo de ensino-aprendizagem, também não podemos negar que os alunos terão pouca oportunidade de participação nas atividades previstas e pouco

impacto na saúde se o tempo disponível nas aulas de Educação Física do ensino médio for expressivamente baixo.

Portanto, a otimização do tempo de aula - um fator sob considerável controle do docente - deve ser encarada como uma responsabilidade ética e pedagógica central. A minimização do TNA (42,06%) e a ampliação das vivências corporais efetivas são essenciais para que o professor promova experiências significativas, favoreça a adesão discente e contribua para a formação de um estilo de vida mais ativo e autônomo. Importantes estudos sobre a gestão do tempo em Educação Física já evidenciavam que o uso ineficiente do tempo compromete ganhos motores, reduz a oportunidade de aprendizagem e limita adaptações fisiológicas relevantes^{29, 30}.

Considerações Finais

A presente pesquisa, ao analisar o tempo de aula de Educação Física no ensino médio em duas categorias (TA e TNA), revelou um achado central e preocupante: apenas 57,94% do tempo é efetivamente dedicado às atividades pedagógicas. Os resultados indicam uma insuficiência quantitativa e qualitativa, já que a significativa proporção de 42,06% do tempo, classificada como TNA, compromete o aprendizado e limita as oportunidades de vivências para os alunos ao longo do ano letivo. Essa ineficiência no uso do tempo, por sua vez, pode ter um impacto negativo não apenas na dimensão biológica, mas também em outras dimensões humanas.

Essa situação se torna ainda mais complexa ao considerarmos as escolas particulares, onde a disciplina é oferecida apenas uma vez por semana nos anos iniciais do ensino médio e, na maioria dos casos, é suprimida no 3º ano. Essas instituições justificam a necessidade de preparar o aluno para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros vestibulares, o que reforça a desvalorização da Educação Física.

Afirmamos que, apesar das limitações do estudo, como a falta de mensuração com indicadores fisiológicos ou um maior controle de variáveis, os resultados apontam elementos preocupantes sobre a eficiência do uso do tempo previsto para as aulas. É crucial reiterar que nossa análise não se restringe a um ponto de vista reducionista. Mesmo não sendo o único indicador de qualidade, o tempo de aula é um fator importante que influencia diretamente na quantidade e variedade de vivências corporais que a disciplina pode oferecer.

Além disso, nossas análises não especificam se parte do TNA observado incluiu atividades reflexivas ou rodas de conversa com viés pedagógico. No entanto, a crise de

resultados efetivos da área no ensino médio reflete a falta de um olhar cuidadoso dos gestores políticos sobre as necessidades dos jovens, assim como o desafio de articular as práticas pedagógicas com os anseios dos alunos. A legislação que permite a dispensa das aulas e o baixo número de aulas semanais também contribuem para essa desvalorização.

Nesse contexto, se a intenção do professor de Educação Física é buscar a autonomia do discente em relação à prática de atividades físicas para a promoção da saúde, é essencial que ele reduza o TNA. Dessa forma, será possível ampliar o leque de vivências corporais e promover uma maior diversidade de atividades que visem uma efetiva mudança de comportamento futuro, especialmente aquelas que levam a uma vida mais saudável.

Por fim, esperamos que os dados desta pesquisa provoquem debates e sirvam de base para os cursos de formação inicial em Educação Física. O objetivo é dar maior visibilidade ao tema e, com isso, modificar positivamente a realidade da prática docente. Ao otimizar o tempo de aula, a disciplina pode finalmente se legitimar como um componente curricular indispensável para a formação integral do aluno do ensino médio. Novos estudos são necessários para aprofundar a discussão sobre o TNA, investigando os motivos por trás de sua ocorrência e as atividades que compõem esse tempo.

Referências

1. Pereira AF, Silva BGP, Rabelo DC, Golin CH, Lima JRC. Educação Física no ensino médio sob a ótica dos alunos de uma escola particular de Dourados-MS. *Rev Diálogos Interdiscip.* 2018;1(5):68-78.
2. Correia WR. Educação Física no Ensino Médio: questões impertinentes. 3a ed. Várzea Paulista: Fontoura Editora; 2020. v. 1.
3. Macedo ADAS, Rosa ACG, Golin CH. Educação física no ensino médio: um relato de experiência sobre o tempo de aula. In: III Congresso de Educação do CPAN; 2018; Corumbá/MS. Anais: Base Nacional Comum Curricular: Impactos na formação de professores. Corumbá/MS: UFMS; 2018. p. 1-3.
4. Zaim-de-Melo R, Ferraz OL. O novo ensino médio e a Educação Física. *Rev Motriz.* 2007;13(2):86-96.
5. Darido SC, Rangel-Betti ICM, Guedes JP, Simões R, Teixeira S, Nista-Piccolo V. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. *Rev Motriz.* 1999;5(2):138-43.
6. Souza Júnior O, Darido SC. Dispensas das aulas de Educação Física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. *Pensar a Prát.* 2009;12(2):1-14.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos; 2003.
8. Zaim-de-Melo R. Educação Física na escola: conteúdos adequados ao 2º grau. [Monografia]. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física; 1997.
9. Golin CH, Barcelos SC. Aulas de educação física no ensino médio: uma experiência vivida. In: Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da UNIMEP. 3. Simpósio Latino-Americano da Universidade do Futebol. 1. Simpósio Latino-Americano de Motricidade Humana; 2004; Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba; 2004.
10. Golin CH. Educação física no ensino médio: convergências e divergências nos discursos docente e discente. [Dissertação]. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba; 2005.
11. Ferreira AF, Pimentel GG, Golin CH, Pereira AF. Secondary education student bodily practices: implications of gender in and outside physical education classes. *Rev Motriz*. 2016;22(1):101-11.
12. Golin CH, Ferreira V, Lancillotti SS. O ensino médio e a disciplina Educação Física: revisitando as “águas turbulentas” do passado, entendendo as “ondas presentes” e perspectivando as “marés” do futuro. In: Pacheco Neto M, organizador. Educação, atividade física e lazer: vivências na contemporaneidade. 1ª ed. Dourados, MS: Seriema; 2019. v. 1, p. 135-58.
13. Golin CH, Moreira WW. Educação Física no ensino médio: recentes e a (re)significação do conteúdo esporte para o trato de valores. In: Silva JBL, Beltrame ALN, organizadores. Educação Física, Esportes e Lazer em perspectiva Sociocultural e Inclusiva - Volume II. 1ª ed. Brasília-DF: Art Letras Gráfica e Editora; 2018. v. II, p. 63-79.
14. Moreira WW, Simões R, Martins IC. Aulas de educação física no ensino médio. Campinas: Papirus; 2010.
15. Nista-Piccolo VL, Moreira WW. Esporte para a vida no ensino médio (Coleção Educação Física Escolar). São Paulo: Cortez Editora; 2012.
16. Brandolin F, Koslinski MC, Soares AJG. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. *Rev Educ Fís (UEM)*. 2015;26(4):601-10.
17. Cauduro MT, Almeida PC. O desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio. *Lecturas Educ Fís Deportes (Buenos Aires)*. 2007;11(106):1-16.

18. Castilho J. Educação física escolar sob a perspectiva da cidadania: inclusão, alteridade, formação e informação plenas. *Rev Educ Questão*. 2004;19(5):88-107.
19. Savarezzi GR, Novaes AO, Gimenez R. Representações sociais do componente curricular educação física: uma análise sobre os níveis de ensino fundamental e médio. *Eccos Rev Cient*. 2019;48:409-30.
20. Nahas MV. Educação Física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. In: *Seminário de Educação Física escolar*. 4; 1997; São Paulo, SP: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 1997.
21. Dario VL. A importância das aulas de educação física no Ensino Médio. [Trabalho de conclusão de curso - Especialização]. Chapecó: Universidade Comunitária da Região de Chapecó; 2015.
22. Nahas MV, Barros MVG, Oliveira ES. Promoção da saúde na adolescência: o papel da Educação Física. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*. 2005;10(1):13-24.
23. Neto VM, Almeida VMR, Lima JRC, Golin CH. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a Era do Gelo. *Rev Motriviv*. 2017;29(52):87-105.
24. Silveira ES, Ramos NV, Vianna RB. O “novo” ensino médio: apontamentos sobre a retórica da reforma, juventudes e o reforço da dualidade estrutural. *Rev Pedagógica*. 2018;20(43):101-18.
25. Gasparetto SR. O gerenciamento do tempo das aulas de Educação Física no Ensino Médio. [Monografia]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2014.
26. Chizzotti A, Bocchi RM. O tempo da escola. *Rev Educ Questão*. 2016;54(42):65-89.
27. Guimarães T, Bernado E. O tempo e sua essencialidade na escola de tempo integral. *Rev Educ Questão*. 2020;58(58):1-14.
28. Simons-Morton B, Taylor WC, Huang IW, Johnson CC, Baranowski T, Parcel GS. The physical activity of fifth-grade students during physical education classes. *Am J Public Health*. 1993;83(2):262-4.
29. Guedes JE, Guedes DP. Características dos programas de educação física escolar. *Rev Paul Educ Fís*. 1997;11(1):49-62.
30. Carniel MZ, Toigo AM. O tempo de aprendizagem ativo nas aulas de Educação Física em cinco escolas particulares de Porto Alegre, RS. *Rev Bras Pesqui Educ Ciênc*. 2003;3(3):3-16.
31. Silva JC. Análise da disciplina de Educação Física e sua aceitação pelos estudantes do ensino médio na Escola Estadual Homero de Miranda Leão em Amazonas/Manaus no ano de 2019. [Dissertação]. Assunción: Universidad Autónoma de Asunción-Paraguay; 2020.

32. Santos GG. A organização dos conteúdos da Educação Física na escola: o que nos dizem os professores do ensino médio?. [Dissertação]. Diamantina: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; 2020.
33. Teixeira DR, Beltrão JA, Taffarel CNZ, Sampaio T, Silva EGS. Educação Física Escolar na Pandemia da Covid-19: Experiências no Ensino Médio do Nordeste Brasileiro. *Educ Fís Ciênc.* 2021;23(4):198-216.
34. Beltrão JA, Teixeira DR, Taffarel CNZ. A supressão da Educação Física nas matrizes curriculares do novo Ensino Médio. *Rev Ponto Vista.* 2024;13(2):01-20.
35. Neto VM. Menos Educação Física, menos formação humana, menos educação integral. *Movimento (UFRGS).* 2023;29:e29043. DOI: 10.22456/1982-8918.125819.
36. Beltrão JA, Taffarel CNZ, Teixeira DR. A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. *Rev Práxis Educ.* 2020;16(43):656-80. <https://doi.org/10.22481/rpe.v16i43.7024>.
37. Metzler M. Modelos instrucionais em educação física. New York: Routledge; 2017.
38. Frey MC. Educação Física no Ensino Médio: a opinião dos alunos sobre as aulas. *Lecturas Educ Fís Deportes (Buenos Aires).* 2007;12(113):1-8.
39. World Health Organization (WHO). Physical activity. Geneva: WHO; 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/physical-activity>. Acesso em: 10 out. 2024.
40. World Health Organization (WHO). Physical Activity. Geneva: WHO. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/physical-activity#tab=tab_1. Acesso em: 14 out. 2024.